



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

869.8
B213 *tr*
1866

B 1,354,025

LIVRARIA ACADÊMICA

J. Guedes da Silva

R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone 25988 — PORTO

LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

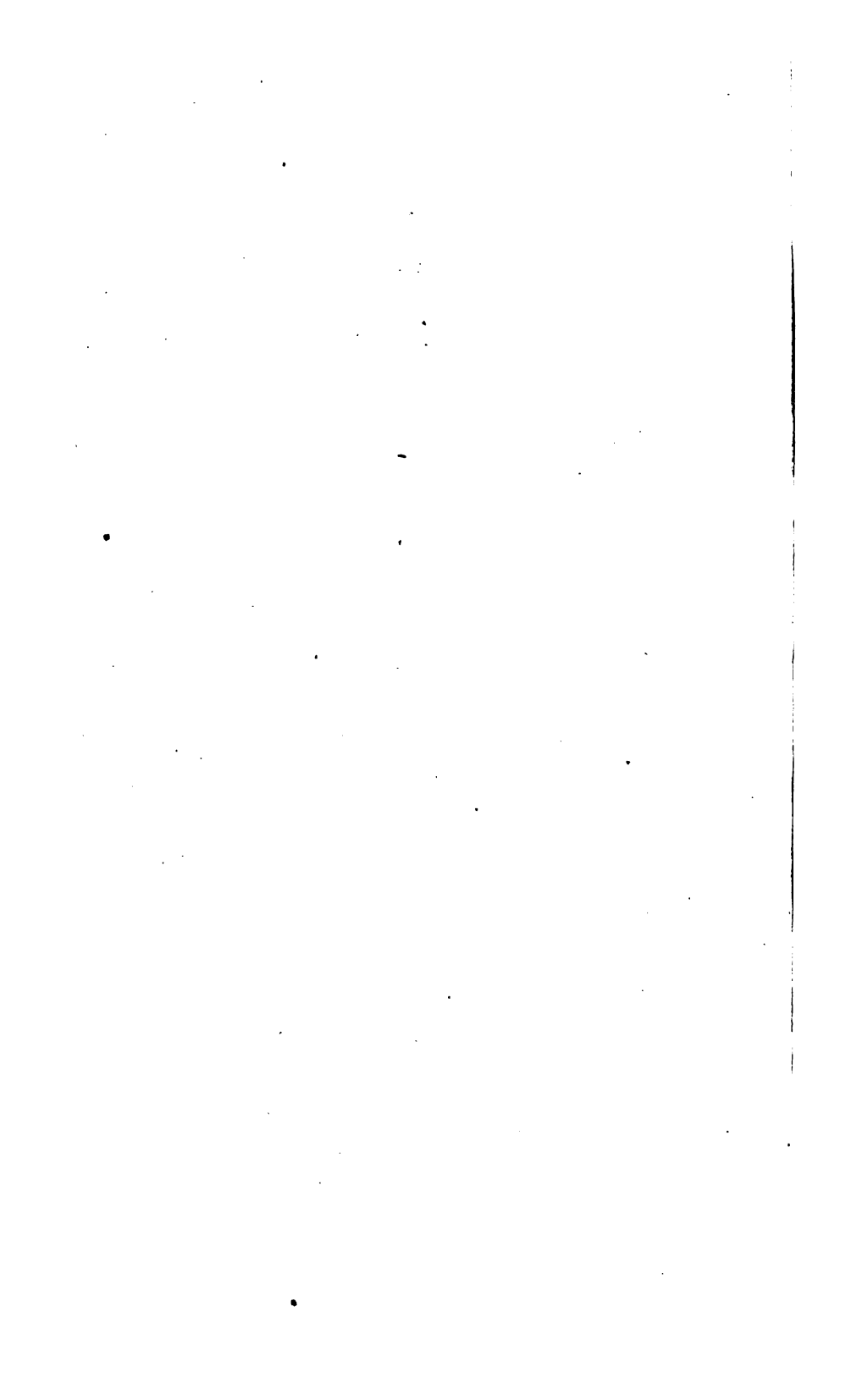
PROPERTY OF

*The
University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

125.



TROVAS

DO

BANDARRA

NATURAL DA

VILLA DE TRANCOSO

APURADAS E IMPRESSAS
POR ORDEN DE UM GRANDE SENHOR DE PORTUGAL

OFFERECIDAS AOS VERDADEIROS PORTUGUEZES

collected by DEYGOS DO ENCOSTO
...
NOVA EDICÇÃO

A que se ajuntam mais algumas nunca até ao presente impressas.

PORTO
IMPRENSA POPULAR DE J. L. DE SOUSA
Bomjardim 69

1866

869.8
B2132r
1866

TRAVAS

DO

BARBADORA

NATURAL DA

VILLA DE TRANCOSO

FOR ORDRE DE UN GRANDE SEIGNOR DE PORTUGAL
ALREDORE DE BARBADORA

OFFERECIDAS AOS ARDADINHOS PORTUGUEZES
d'armas e confusões nos tumultos
Deixa, que por teu Rei victorias cantem,
Que de quanto o Sol vê, Neptuno abarca
Será contigo Universal Monarcha.

NOVA EDICAO

Bocarr, Anacephal. Ont. 126.
A que se refere a obra de Bocarr, Anacephal. Ont. 126.

PORTO
IMPREZA FOLHAR DE L. DE SOUSA
Compilado em

1866

PROLOGO

Na presente Edicção houve unicamente a tenção de satisfazer aos desejos, e cuidadoso empenho dos que buscão haver estas Profecias, e conservar d'ellas a todo custo um exemplar incorrupto. Isto procurámos com a maior diligencia, referindo-nos escrupulosamente, e com toda a pontualidade á que se publicou em Nantes em o anno de 1644, por Guillelmo do Monnier, Impressor d' el Rei; e não se encontrará mudança, nem a menor alteração em accrescentamento, ou falta, porque tudo vai como nella está, por excepção de alguns poucos, e leves descuidos da impressão, que pareceu acertado emendar. E em quanto ás inéditas, que ajuntamos no fim, por nos serem requeridas de alguns sujeitos, seguimos as melhores, e mais apuradas copias, de quantas buscámos com curiosidade, e pudemos descobrir, preferindo sempre as mais antigas, e que conservadas pela tradição continuada reputámos por mais fidedignas, além de nos serem communicadas por pessoas graves, e de authority, que as guardão em varios livros de curiosidades antigas. Todas as que aqui vão temos por verdadeiras, e taõ suas, e merecedoras de estimação como as impressas; pois no tom, e maneira de enunciar as couzas, que revela, assim como na locução, e estylo em nada se differença dellas.

Pelo que toca ao seu Author, bem conhecido he o seu nome, assim como a bem merecida reputação, e credito

que tem entre todos por estas suas mesmas Profecias tam decantadas como cheias de mysterio, e verdadeiras; que ninguem ha que d'elle, e d'ellas faça menção, semque seja fazendo lhes conciliar o grande respeito, e veneração, que se lhes deve. De sua vida nenhuma couza aqui ha que dizer, pondendo se dizer muitas; porque ninguem de quantos lem estes escriptos a ignora; a anda em muitos livros, que todos podem haver mui facilmente. Foi elle o Nostradamus dos Portuguezes, como antigas memorias nos certicão, no tempo d'el Rei D. João o III de Portugal, e porventura ainda mais celebre por seus ditos, maravilhosos vaticinios, e prognosticos, do que foi aquelle, e pelos mesmos annos na França; porque se com particular distincão obtve este os cumprimentos de Henrique II., e da Rainha Catharina de Medicis, sua mulher, e de seus filhos; as honras, e estimações do duque de Saboia Manoel Feliberto, e da Duqueza Margarida de França; e os presentes de Carlos IX. mereceu o nosso os applausos de uma Nação inteira assim de grandes como pequenos, de illustres, e plebéos, sabios, e indiscretos, e continuados por tamanho espaço, quanto vai desde quando viveu até nossos tempos, e sempre o será, em quanto o Mundo durar, que tanto hade viver na memoria dos homens.

Assim o sentiu aquelle raro engenho, e o mais accreditado pregador c. P. Antonio Vieira, consagrando lhe particular affecto, e chegando a affirmar, que era mui grande, e mui alumiado Profeta. Antonio de Souza de Macedo faz delle particular memoria por estas palavras na Lusitania Liberata a pag. 735. — «Regnante in Lusitania Joanne 3.º anno Domini 1550. in nobili oppido Trancoço decessit celeberrimus Gondigalus Annes Bandarra, qui decantatos á multis annis reliquit versus de Lusitanis eventibus, quorum, ultra nostros, meministi D. Joannes de Horosco, Castelanus in tract. de Vera, et Falsa Prophet. cap. 24.» O lugar apontado de D. João de Horosco não he do cap. 24., como ali está, mas do cap. 14. do liv. I., onde a pag. 38. diz assim. — «Y desta manera tuve yo noticia de un çapatero en Portugal, que fue tenido por Profeta.» E na glosa marginal accrescenta. — «Este çapatero de Portugal fue en Trancoço dicho Bandarra, y avra este año de 88. quatroenta y seis que morio.» — Mas he de advertir, que nem um, nem outra acertou no anno da morte de Bandarra, que, conforme escreveu Barbosa Machado na sua Biblioth. Lu-

sitana, foi depois de 1556. São também dignos de ver se nos elogios, que lhe tributa D. Nicolaõ Monteiro, Vox Turtur., o P. Vasconcellos no seu admiravel Livro da Restauração de Portugal, e outros, que aponta o mesmo Barbozo.

Resta antes de concluir mos em agradecimento fazer neste lugar honrada memoria de dous consumados varões, que muito contribuirão para gloria do nosso Author. Seja o primeiro D. Vasco Luiz da Gama, Visconde da Vidigueira, e I. Marquez de Niza, a quem se deve aquella Edição de Nantes, e nella se diz sómente ser por um grande Senhor de Portugal; e verdadeiramente foi notado de mui nobres, e excellentes qualidades, por onde se faz credor de grandissimos elogios. Occupou mui altos empregos, como o de Almirante do Mar da India, Deputado da Junta dos Tres Estados, e do Despacho das Juntas na Regencia da Rainha D. Luiza, e de seus filhos os Reis D. Affonso VI., e D. Pedro II. sendo Regente, Vedor da Fazenda dos ditos Reis, e Estribeiro Mor da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia. Foi commendador na Ordem de Christo, e do Conselho de Estado, e Guerra, e duas vezes Embaixador a França por El Rei D. João IV., a primeira em 1642, e a segunda em 1646, em que mostrou discripção, prudencia e zelo do bem do reino, a ultimamente a Roma em obediencia aos Papas Urbano VIII., e Innocencio X. Na Paz, que se celebrou deste Reino com Castela em 1668. teve muita parte, sendo um dos Plenipotenciarios para ella eleito, em que se houve com muita circumspecção.

O outro he D. Alvaro de Abranches da Camera, que antes lhe havia mandado levantar novo sepulchro com seu epitafio na igreja de S. Pedro da Villa de Trancoso, trasladando seus ossos de outra baixa, e humilde, em que jazia, e fazendo lhe insculpir por divisa na pedra os instrumentos do officio de sapateiro, que elle havia exercitado. Esta grande honra havia o mesmo Bandarra profetizado nas Quadras 8. e 9. do III. Corpo das Trovas, Senho I. por estas mysteriosas palavras: *Vejo, mas não se se vejo; Tach o que o obano* (sic) *Acho. O certo he, que me cheira, Que me vem do tan á Beira. Um Grande do pé do Tejo.*

9
Formas, cabos, e sovelas
Lavradinhas com primor
Mandareis abrir, Senhor,
Muitos folgarão de vê las.

Ali tão somente lhe chama, e assim o dá a conhecer, «Um Grande do pé do Tejo;» e sem duvida foi elle um dos mais illustres, e accreditados Fidalgos da Corte no seu tempo. Era filho de D. Francisco da Camera Coutinho, Commendador de S. João da Castanheira na Ordem de Christo e D. Guimar de Abranches; e nato pela parte paterna de Rui Gonsalvos da Camera, Capitão Donatario da Ilha de S. Miguel, I. Conde de Villa Franca, e de D. Joanna de Blaesvelt, da Casa dos Condes de Redondo, e pela mai de D. João de Abranches de Almada, e de sua segunda mulher D. Antonia de Souza. A tamanha nobreza uniu muitos merecimentos, adquiridos por seus serviços. Deve se a seu singular espirito, e valor a liberdade da Patria na gloriosa Acclamação d'el Rei D. João IV., sendo um daquelles illustres Fidalgos, que para ella sobre maneira concorreu, arvorando a Bandeira da Cidade, recobrando o Castello de Lisboa, e soltando alguns, que ali se achavão presos, com outras muitas acções de lealdade, e heroico desinteresse, que serão de exemplo á posteridade. Foi Commendador de S. João da Castanheira, Senhor dos Morgados de Abranches, e Almadadas, Conselheiro de Estado, Mestre de Campo General da Estremadura, e por duas vezes Governador das Armas da Provincia da Beira. E porque digamos tudo para seu completo elogio, foi casado com D. Maria de Lencastre, da Casa dos Barões, hoje Marquezes de Alvito, e della houve a D. Magdalena de Lencastre e Abranches, I. Condessa de Valladares, mulher do Conde D. Miguel Luiz de Menezes, e D. Guimar de Lencastre, que foi mai de Tristão da Cunha de Ataide, I. Conde de Povolide, e de Nuno da Cunha de Ataide, Inquisidor geral destes reinos, e Cardial da Santa Igreja de Roma do titulo de S. Anastacia, por quem se transmitiu o Segundo Corpo das Trovas ineditas, que agora damos. Delle se lembra o P. Nicolão da Maia na Relação daquella Acclamação que publicou em 1644. Salgad. de Araujo, Success. Militar. Liv. III., cap. 30, e seg., O Conde da Ericeira,

Portug. Restaurad. P. I. nos Liv. 2. 4. 7. 8., Souz. Hist., Genealog. da Casa Real, Liv. VII. cap. 1. Castro, Mapp. de Portugal, P. IV. cap. 4. e outros.

A honra de mandar levantar a Bandarra o sepulchro, que acima dizemos, e por que se lhe deve esta sua memoria, refere o mesmo Antonio de Souza de Macedo na sobredita Lusitania Liberat., e lugar apontado a pag. 736., e damos as suas mesmas palavras: — «Anno 1641 D. Alva-
«rus de Abranches, provinciæ Beiræ Generalis, hujus viri
«humilde sepulchrum in portico Ecclesiæ S. Petri dicti op-
«pidi Trancoso, elevavit honorifice nobili epitaphio; et Rex
«postea, capella boni reditu ejus donavit nepotem; ac me-
«rito, nam si Nabuchodonosor, et Cyrus remunerarunt
«Hieremiam, et Isaiam quod pro eis prophetaverint; et
«magnus Alexander, in gratiam Danielis prophetisantes
«victorias ejus, adoravit Jaddum summum Pontificem Hie-
«rosolimæ; à fortiori Christianissimus Princeps Alexan-
«dro maior generosam gratificationem debebat ostendere.»



Portug. Restar. T. I. nos Liv. 2. a 7. 8. a. Souza. Hist.,
de Portugal, T. I. cap. I. e outros.

7. Houve uma batalha levada a cabo a 2 de Junho de 1759, em que o general francês de Saxe derrotou o general português de Saxe. A batalha foi travada em território português, perto de Vila Rica, e resultou na captura de Vila Rica e na fuga do general português para Minas Gerais. A batalha foi uma das mais importantes da guerra de independência do Brasil.

A QUEM LER

Foi Gonçaleannes Bandarra (Benevolo Lator) um official de çapateiro de calçado de corrêa, homem de boa vida, o qual viveu na antiga Villa de Trancoso do Bispado da Guarda. Passou sempre pobremente, e sem mais cabedal, que a limitado de seu officio, que naquelles lugares não costuma ser muito. Concorreu nos tempos do Rei D. João o III. de Portugal. As suas Trovas, que compoz no anno de 1540 pouco mais ou menos, forão sempre tão recebidas, e celebradas, que não necessitão de maiores abonações que as do tempo que tanto as accredita. E se tambem as faz muito estimadas o offerece-las seu Author ao Illustrissimo Bispo da Guarda D. João de Portugal, que Deos tem,* mais o devem ser hoje assim pelos effeitos mos-

* Esta Dedicatoria a D. João de Portugal, Bispo da Guarda he o documento mais certo da morte de Bandarra succeder depois do anno de 1556, porque só neste podia ser feita, que foi o primeiro em que aquelle prelado foi provido naquella diocese, e confirmado pelo Pontifice Paulo IV., e ainda no anno seguinte he que tomou posse. Foi mui exemplar por suas virtudes, como lhe chama Bandarra, não menos do que era mui distinto por sua nobreza como ramo florecente dos primeiros Condes de Vimioso. A heroica paciencia, com que soffreu ser despojado da sua dignidade Episcopal, e recluso em um Mosteiro, depois da infauستا jornada do nosso Augustissimo Rei o Senhor D. Sebastião nosso Senhor, fará em todo o tempo sempre illustre o seu nome, e mui accreditada a sua memoria.

præcognitum. O libertador do nosso captiveiro, o remedio de nossos males, o descanso, de nossos trabalhos he o Rei Encuberto, de quem trata Bandarra, e a quem tomou por assumpto, e por objecto de suas cantigas, como nelles se vê, e particularmente na Estancia LXXII. dizendo:

Este Rei tão excellente,
De quem tomei minha teima.

Val o mesmo que dizer: Deste Rei trato somente, delle escrevo, posto que as figuras, e accões sejam muitas, e differentes. O teimoso sempre porfia, e teima: assim Bandarra sempre canta neste modo: **Encuberto**, como consta do verso LXXII. **Encuberto**, que mandou para o deserto.

Demonstra o Rei Encuberto
Deste bom Rei Encuberto

A este Rei Encuberto attribue seis propriedades, e signaes, quaes são os seguintes: O Primeiro, O Rei novo he levantado. Verso LXXVII. diz, que he Rei novo. O Segundo, que sera Rei eleito, e hab' se por successão. Verso C. O Rei novo he escolhido, e elegido. O Terceiro, que he Infante, como se lê no Verso LXXXVIII. Saia, saia esse Infante, bem andante. O Quarto, que se chamará D. João. Verso LXXXVIII. O seu nome he D. João, nome de que tanto gostou o Author, que seis vezes falla nelle, como se vê nos Versos XXV. XXXVIII. XLIV. LV. LXXXVIII. XCIII. O Quinto, que terá um irmão bom Capitão Verso CII. Este Rei tem um irmão bom Capitão. Diz ultimamente, que este Rei sera acclamado, e levantado, quando se cerrarem os quarenta annos, como consta do Verso LXXXVIII.

Se cerrão os quarenta
O Rei novo he levantado

Por um Doutor he passado
O Rei novo he levantado.

ofício. Todos estes signaes e a terra em que se cria o Rei D. João IV., nosso Senhor, o qual he Ray noo, porque a terra não reinava, posto que era Rey de Jero. Não elegta for pela commum inspiração, e geral acclamação de todo o Reino; Infante era também, porque os Principes de Portugal são Infantes, como também por discurso do Infante D. Duarte, filho noao do Senhor Rei D. Manoel. Chama se alem disto D. João. Tem um irmão valeroso Capitão qual he o Senhor Infante D. Duarte, que Deus livre. A eleição, ou commum inspiração, e acclamação (que tudo he o mesmo conforme a direito) foi quando cerravão quarenta annos, pois foi Sabbado (e havia de ser Sabbado) dia setimo, em que Deus descansou da criação do Universo, como em mysterio, e em signal, que nossas afflicções o cançarão, e que descansava com o Rei, que naquelle dia nos deu para nosso descanso liberdade; pois o dia em que primeiro descansou foi, como se sabe Sabbado. Assim nos restituiu o nosso legitimo Rei Sabbado primeiro dia de Dezembro, mez em que cerrou o anno de 1640.

Conclue se logo com toda a certeza, e moral evidencia, que El Rei D. João o IV., nosso Senhor he o esparado, e tão desejado Rei Encuberto, de quem Santo Isidoro fallou na era de 636., escrevendo muitas couzas futuras de Hespanha *, e Bandarra tantas vezes repitiu. Não ha mais esperar outro Encuberto; porque he cousa vã, e aerea; e o mesmo Rei de Castella chamou a El Rei, nosso Senhor Encuberto duas vezes, quando antes de ser Rei o mandou governar as armas de Portugal á Villa de Almada, em a Carta dizia fosse encuberto; e pois os signaes, que delle se apontão de nenhuma maneira couvem a El Rei D. Sebas-

* Estas Profecias de Santo Isidoro, Arcebispo de Sevilha, de que aqui falla, em que vaticinou os successos de Castella, podem ler se na Ressurreição de Portugal por Fernão Homem, que tambem foi impressa em Nantes pelo mesmo impressor Guillelmo do Monnier; e ahi se diz forão tiradas de um Livro, que se havia impresso em Valença no anno de 1520., e que andavão nas lições de sua vida no Breviario Dominicano, e em outros. O anno de 636., que tambem aqui se a ponta, foi o mosmo da morte deste Santo Prelado, mui esclarecido pelo zelo da Fe, e inteireza da disciplina Ecclesiastica.

tião, nem he Rei novo mas velho; não foi Rei de eleição senão de successão, e que nasceu Rei, porque não se chamava João, nem teve outro irmão hom Capitão. Conheção logo todos esta clara verdade; e farão toda a devida estimação das Trovas do celebrado Bandarra, que neste particular ja vemos desempenhadas, e cumpridas.

VALETE.



AOS

VERDADEIROS PORTUGUEZES

DEVOTOS DO ENCOBERTO

Divida he forçosa, Senhores, offerecer vos o amor da Patria esta insigne, e mysteriosa obra: porque se seu Author sôra vivo n'este venturoso tempo assim o fizera em satisfação de tão dilaladas esperanças, que por mais de sessenta annos alentarão o animo daquelles, que com tanta razão, e justiça desejavão, que a Real Coroa de Portugal tornasse a illustrar a cabeça de Principe natural, e verdadeiro. Tudo merece uma firme, e longa esperança: pois não ha couza que mais custe, e atormente. Assim o affirma Estacio no Livro I.

....«Spes anxia mentem

«Extrahit, et longo consummit gaudia voto.»

Tambem se vos offerece nestas Troxas do Bandarra uma verdade cumprida para recompensa de vossos desejos continuos, merecedores sempre de desempenhos grandes, quaes são as certas posses de esperanças continuas. Para sua maior estimação he precizamente necessario o conhecimento, e noticia do sazonado fructo que se possui, procedido da flor do que se esperou: porque não ha amar sem conhecer diz o Principe da Filosofia: Nihil volitum, quin

trarem sua verdade como pelas mandar imprimir um Principe Portuguez grande, e excellente. Acção na verdade descobridora do fino amor de Rei, e do zelo do bem do reiuo (que virem em seu nobre, e fiel peito) cujas principia-das glorias faz estampar, para que sejam notorias, e per-petuas. Estas canta o celebre Bandarra em seus grossei-ros, mas mysteriosos Versos, a quem o entendimento ap-plica mais authorisado titulo que o curto, que se permite á poesia. Mas não pôde ouvir, e ler, e não se pôde di-zar particularmente em materias, que pedem approvaçãõ do Supremo Tribunal.

Grandes injurias tem feito o dilatado tempo de mais de cem annos ás **Provas do Bandarra**: uma vez viciando as com a corrupção; outra accrescentando as; outra diminuindo as. Para ficar só o grão, e deitar fóra do taboleiro o joio, e a hervilhaca foi necessario (e não com pouca indus-tria, buscar as mais antigas copias, das quaes a de menor idade he de ooutenta annos, nas mãos de pessoas intelligen-tes, e fide-dignas, com as quaes se apurou esta, que sahe á luz, e ficará ás pressas a immensa multidão de trezados destas **Provas**, todos violados, e corruptos: pois não havia pessoa, que não tivesse um Bandarra a seu módo. Vão os Versos numerados, e rubricados para maior clareza, e dis-tinção. Deve-se pôrem advertir um grande mysterio, que está no Verso **LXXVIII**: aonde diz: — O seu nome he D. João: — lido o motto. — O seu nome he de D. João; — mas os mais antigos usavam de uha letra I, que parecia ser a letra P. Ora a Deus, que por isso bem, que não tem houvesse diffe-renças.

VALE.

1790

1790

1790

E quanto mais posso fazer,
Porque saibão o que convheço.

TROVAS de Sabinã de
Tanta obra de lavores,
Que folgavam muitos Senhores
De a calçar, e a lavar.

BANDARRA

DEDICATORIA DO AUCTOR

Logo com linha assadao,
Fingendo a cada ponto;
Logo meado sem conto.

A Dom João de Portugal Bispo da Guarda

Se vier alguma novidade
Illustrissima Senhor
De virtudes e de feitura
Vós deveis obedecer
De todas as leis dador.

Tambem seo officio:
Deos vos deu tanto primor
Que não se acha em vossa obra
Mais subido Pátria e honra
De nobre Gente Pastor.

adunco e deo e deo
Determina de escrever
A minha paternidade
Por ver Vossa honra
O que sahe de meu cozer.

Milha obra de mi seora
Porque a mais he de cozeira.
Que me queira entender
Nesta obra que offereço

Porque saibão o que conheço,
E quanto mais posso fazer.

Sahirá de meu cozer
Tanta obra de labores,
Que folguem muitos Senhores
De a calçar, e trazer.

E quero entre meter
Laços em obra grosseira,
Quem tiver boa maneira
Folgará muito de aver.

Cozo com linho assedado,
Ecerado a cada ponto;
Cozo meudo sem conto,
Que assim o quer o calçado.

Se vier algum avizado
Requerer algumas solas,
Eu as corto sem bitolas,
E logo vai sobresolado.

Tambem sou official:
A's vezes cozo com vira,
E sei bem como se tira,
O ganho do cabedal.

Se vier algum zombar
Fazer me qualquer pergunta,
Dir lhe hei, como se ajunta
A agulha com o dedal.

Minha obra he mui segura
Porque a mais he de correia,
Se a alguém parecer feia,
Não entende de costura.

Eu faço obra de dura,
E não ando pela rama,
Conheço bem a courama,
Que convê á creatura.

Sei medir, e sei talhar,
Sempre que vos assim pareça:
Tudo tenho na cabeça,
Se o eu quizer usar.

E quem o quizer grozar,
O lhe bem a minha obra,
Achará, que inda me sobra
Dous cabos pera ajuntar.

Sempre ando occupado
Por fazer minha obra boa,
Se eu vivera em Lisboa,
Eu fôra mais estimado.

Contente sou, e pagado
De lançar um so remendo,
Indaque estem remoendo,
Não me toquem no calçado.



Quem não quer a vida
E não quer a morte
Contra a natureza
Que contra a natureza

Se não quer a vida
E não quer a morte
Contra a natureza
Que contra a natureza

E quem não quer a vida
E não quer a morte
Contra a natureza
Que contra a natureza

Se não quer a vida
E não quer a morte
Contra a natureza
Que contra a natureza

Se não quer a vida
E não quer a morte
Contra a natureza
Que contra a natureza

SENTE BANDARRA
AS MALDADES DO MUNDO

E PARTICULARMENTE

AS DE PORTUGAL

I.

Como nas Alcaçarias
Andão os couros ás voltas,
Assim vejo grandes revoltas
Agora nas Clerezias.

II.

Porque usão de Simonias
E adorão os dinheiros,
As Igrejas, pardieiros,
Os corporaes por mais vias.

III.

O sumagre com a caí
Faz os couros ser moçios,
Ah! quantos ha máos noviços
Nessa Ordem Episcopal.

IV.

Porque vai de mal a mal
Sem ordem nem regimento,

Quebrantaõ o mandamento,
Cumprem o mais venial.

V.

Tambem sou official
Sei um pouco de cortiça
ONDE vejo fazer justiça
A todo o mundo em geral.

VI.

Que agora a cadaqual
Sem letras fazem Doutores,
Vejo muitos julgadores,
Que não sabem bem, nem mal.

VII.

Borzeguins pera calçar
Haõ de ser de cordovães.
Notarios, Tabaliães
Tem o tenço em apanhar.

VIII.

Vêlos heis a porfiar
Sobre um pobre seutil,
E rapar vos por um mil
Se volos podem rapar.

IX.

Tambem sei algo brunir
Quaesquer laços de lavoires:
Bachareis, Procuradores,
Ahi vai o perseguir.

X.

E quando lhe vão pedir
Conselho os demandões,
Como lhe faltão tostões,
Não os querem mais ouvir.

XI.

Há de ser bem assentada
A obra dos chapins largos,
A linhagem dos Fidalgos
Por dinheiro he trocada.

XII.

Vejo tanta misturada
Sem haver chefe que mande;
Como quereis, que a cura ande,
Se a ferida está danada?

XIII.

Tenho uma gentil sovela,
Com que cozo mui direito;
Se a mulher não desse jeito,
Não olharião pera ella.

XIV.

Em que seja uma donzella
Nobre, casta e oradora,
Ella he a causadora,
Do que acontecer por ella.

XV.

Sei tambem mui bem cozer
Uns horzeguins Cordovezes;
Todos os trajos Francezes
Quemquer os quer ja trazer.

XVI.

Os que não tem que comer
Fazem trajos mui prezados,
Ficão pobres, Lazarados
Por outros enriquecer.

SONHO PRIMEIRO

Que finge a modo Pastoril

XVII.

Vejo, vejo, direi, vejo,
Agora que estou sonhando,
Semente d' el Rei Fernão
Frazer um grande despejo.

XVIII.

E seguir com grão desejo,
E deixar a sua vinha,
E dizer esta casa he minha
Agora que cá me vejo.

XIX.

A cerca dos Grecianos
Corré la hão os Latinos,
Serão contrarios os signos
A todos os Arrianos.

XX.

Tambem os Venezianos
Com as riquezas que tem,
Virá o Rei de Salem
Julgá los ha por mundanos.

XXI.

Ja os lobos são ajuntados
Dalcatea na montanha,
Os gados tem degolados,
E muitos alobegados,
Fazendo grande façanha.

XXII.

O Pastor mor se assanha:
Ja ajunta seus vaqueiros,
E esperta sua companhia
Com muita força e manha
Correrá os pegueiros

XXIII.

Depois ja de apercebidos,
E as montanhas salteadas
Por homens muito sabidos,
E pastores muito escolhidos,
Que saltam as pizadas

XXIV.

Armanlhecão nas passadas,
Trampas, capos de azeiros,
Atalhas nas estradas,
E bostas nas encijadas
Com tiros muito ligeiros

FIGURAS DO SONHO

XXXV.

Virá o Grande Pastor primeiro,
E Rômulo langedor,
E Pedro bom bailador,
E João bom cavalleiro.

XXXVI.

E depois o Estrangeiro,
E Rodoão que estrepia,
E o nobre pastor Garcia,
E André meu verdadeiro,
Entrará com alegria

XXX

Pastor mor.

Induzas he touro rolar? O

zombaria XXVII: he a vacca de

induzas he touro rolar? O

Aquella vacca, que berrando

Porque está assim berrando?

Andre.

XXVIII: he a vacca de

induzas he touro rolar? O

He porque desce da serra,

Não conhece bem a terra,

E por isso está bramando.

XXXIX.

Está he a vacca, Fernando,

Mai de grão touro fuscado,

Que não se acha neste bando,

Tem razão de estar berrando,

Que não sabe onde he lançado.

Pastor mor.

XXX.

Ajunte se o vaccum

Aqui neste verde prado,

E tambem o ovelhum,

E tonte o sca cadaum,

Ver se ha a quem falta gado.

Pedro:

XXXI.

Todo ja tendes coitado,

Do vaccum achamos menoscado,

Um touro esmadrigado,

E um fuscó, que era rozado;

Do ovelhum nada sabemos.

WZZY

Pastor mor.

XXXII.

Oh! que dor do coração!
Oh! que dor! Oh! que pezar!
Oh! que grão tribulaçãol

Arredemos a paixão,
Pois se não pode cobrar,

XXXIII.

Sens filhos devemos criar,
Os quaes mui bem guardaremos,
Ficaraõ em seu lugar,
Tudo lhe havemos de dar,
Pelo bem, que lhe queremos.

XXXIV.

Por honra de tal memoria
Não haja aqui mais tristura,
Antes cantemos com gloria,
Que fique sempre em memoria,
Approvando a Escriptura.

XXXV.

Pois se cumpre a figura,
E nós outros bem o vemos:
Pois que ja tudo se apura,
Ao Senhor da altura,
Com prazer mil graças demos.

XXXVI.

Tanja se a franta maior,
Ajunta se todo o rebanho,
E eu como vosso Pastor,
Com mai grão sobra de amor,
Vamos partir o ganho.

.LXXX

Paster mor.

Aquella vacca, que berra,
Porque está assim hervando?

Andre.

He porque desce da serra,
Não conhece bem a terra,
E por isso está bramando.

.LXXXIX.

Está he a vacca, Fernando,
Mai de grão touro fuscado,
Que não se acha neste bando,
Tem razão de estar berrado,
Que não sabe onde he lançado.

Paster mor.

Ajunte se o vaccum
Aqui neste verde prado,
E tambem o ovelhum,
E conte o seu cadaum,
Ver se ha a quem falta gado.

Pedro.

.LXXXI.

Todo ja tendes coitado,
Do vaccum achamos menose
Um touro esmadrigado,
E um fuscó, que era rozado,
Do ovelhum nada sabemos.

XXXX

Pastor mor.

XXXXI

Oh! que dor do coração!
Oh! que dor! Oh! que pezar!
Oh! que grão tribulação!
Arredemos a paixão,
Pois se não pode cobrar.

XXXXII

Sens filhos devemos criar,
Os quaes mui bem guardaremos,
Ficará em seu lugar,
Tudo lhe havemos de dar
Pelo bem, que lhe queremos.

XXXXIII

Por honra de tal memoria
Não haja aqui mais tristura,
Antes cantemos com gloria,
Que fique sempre em memoria
Approvando a Escriptura.

XXXXIV

Pois se cumpre a figura,
E nós outros bem o vemos:
Pois que ja tudo se apura,
Ao Senhor da altura
Com prazer mil graças demos.

XXXXV

Tanja se a franta maior,
Ajunta se todo o rebanho,
E eu como vosso Pastor,
Com má grão sobra de amon.
Vamos partir o ganho.

de mim ja vos não lebrais?
Rodoão.

XLVIII.

Todos ja tendes partido,
Todos os montados dais
Eu que fui de vós querido,
E dos lobos fui ferido,
De mim ja vos não lebrais?

Paster mor

XLIX.

Ainda fica mais, e mais,
Vossós gadoz pastarão,
Ficão terras de chão taes
Os valles, e pipenacs,
Tudo vos dou, Rodoão.

Tambem ficão umas ladeiras
De herbas mui saboridas,
Donde sahem umas ribeiras,
Que regão muitas lameiras
Com aguas esclarecidas.

A quellas serras erguidas,
Onde está a nobre montanha,
Pois por nós forão havidas,
E ategora perdidas,
Fiquem a todá a companha.

A quelle valle de alem
He o valle de primor,
He o valle de Salem,

Onde acho que muitos tem
Grande virtude e valor.

Gabriel

Ja matarão o gado Pastor,
Por inveja e matarão;
Porque era bom guardador,
Das ovelhas bom creador,
Por cobiça acabarão.

Fernando

LIV

Os bailos são acabados,
Senhor, vamos a jantar,
Que dos trabalhos passados,
Muitos ha aqui desmaiados,
Que convem de repouzar.

LV

Se algo lhe quereis dar,
Sobre meza lho daremos,
Onde bem pode mandar,
E o seu gado bem pastar,
Que assim por bem o temos,
Cae no bailo de João.

Pedro

LVI

Tambem la naquella altura
Está um lobo huivando,
E no meio da espessura
Um bufo está bufando,
E um mocho está cantando,
E Andre está sentindo,
Não bailar como Fernando.

João

LVII.

Tambem Pedro, por quem procuro,
He um barão singular,
Que no claro, e no escuro
Sempre bailou mui seguro,
E hade ficar sem lhe dar?

Paster mor

LVIII.

Pois va o elle cereça,
E far lhe hão grandes damnos;
I-lo hemos ajudar,
Até poder sugeritar
Os cavallos Mariannos.

LIX.

Ao redor da grão cabana
Na quelles montes erguidos,
No valle que se diz Cana,
Ouvimos esta semana,
Lobos que andão fugidos,
Dando grandes alaridos,
Fazendo grande agonia,
Muitos mortos, e feridos,
E outros andão perdidos.
Cahem no bailo de Garcia.

Paster mor

LX.

Quem mete ao estrangeiro
Cá no meu nobre assento,
Pois o defendi primeiro,
Poisque do meu veseimento
Lhe peza, não pôde ser?

Estrangeiro

LXI.

Em que vos hei offendido,
E de mim sois anojado?

Pastor, meo

LXII.

He porque te hei requerido,
Mil vezes commetido,
E tu sempre desmandado:
E porque estás abraçado
Com os meus competidores,
E com elles aliado.
Não mereces ter hostado
Com estes nobres Pastores

LXIII.

Tu me has sido revel
Contra os meus ovelheiros,
Abraçado com Babel
Mui descrido, e cruel,
Contra os meus pegureiros,
Minhas ovelhas, e carneiros
Não lhe tinhas lealdade,
Degolavas meus cordeiros,
Derrubavas meus chiqueiros,
Negavas me a verdade:

André

LXIV.

I vos, Pastor, mui embora,
Grande merce nos fareis,
Que vos vades logo essa hora,
E depois que fordes fóra,
Alguma razão tereis.

or: 5000-1000

LXV

Poraqui vos sahireis,
Mentes o Pastor dá volta
Que depois não podereis,
É quiçais nos metereis,
Nalguma grande revolta.

1521

Fernando

1000-1000-1000-1000

LXVI

Não te queiras mais deter,
Busca jogos e harmonias,
Poronde tomes alegrias,
Antesque hajão de volver,
Oh! Senhor, teme o prazer,
Que o grão Porco selvagem
Se vem já de seu querer,
Meter em vosso poder
Com seus portos, se passagem,

1000-1000-1000-1000

LXVII

1000-1000-1000-1000

Em os campos de Tropé,
Vossa fruta tangereis,
E nos campos de Godofré,
E nas terras de Thome,
Todos nellas bailareis,
Com os filhos de Ullisse,
Que gostão nosso tanger,
Nenhum porco roncará,
Nenhum lobo huivará
Senão por vosso querer.

1000-1000-1000-1000

1000-1000-1000-1000

1000-1000-1000-1000

1000-1000-1000-1000

1000-1000-1000-1000

**Prognostica e author os nomes do Portugal,
canta suas glórias com a aclamação
do rei, encunha-se**

LXVIII.

Forte nome he Portugal,
Um nome tão excellento,
He Rei do cabo poente,
Sobre todos principado,
Naõ se acha vossongual,
Rei de tal mercimento,
Naõ se acha, segun sento,
Do Poente ao Oriental.

LXIX.

Portugal he nome inteiro,
Nome de macho, se quereso outro,
Os outros Beinós, mulheres,
Como ferro sem azeiro,
E senão olha primeiro,
Portugal tem a fronteira,
Todos mudão a carreira,
Com medo do seu rafeiro.

LXX.

Portugal tem a bandeira
Com cinco Quinas no medio,
E segundo vejo e creio,
Este he a cabeceira,
E por a sua bandeira,
Que em Calvario lhe foi dada,
E será Rei de mandado,
Que vem de longa carreira.

LXXI.

Este Rei tem tal nobreza,
Qual eu nunca vi em Reino, l o st
Este guarda bem a lei, l o st
Da justiça da grandeza, l o st
Senhorea Sua Alteza, l o st

Proponho o seguinte artigo
que se lê: **Rei das Índias
Do Mar, e sua Hজেতা.**

LXXII.

Este Rei **he o mais**
De quem **tomou a coroa**
Não he de casta **Gallega**
Mas de Reis **primeiros**
Vem de **moita honra**
De todos **quatro**
Todos Reis **de primos**
De **levantar** ate ao Poente.

LXXIII.

Serão os Reis **concordantes**
Quatro, **se não mais**
Todos quatro **principaes**
Do Levante ao **Poente**
Os outros, **Reis mui contentes**
De o verem **Imperador**
E **havido** por **Senhor**
Não por **dadivas**, nem presentes.

LXXIV.

Comendados os **Prebendos**
Que as **Igrejas comens**
Traçareis, e **volvareis**
Por honra dos **Tres Estados**
E os **mais** serão **taxados**
Todos **contribuirão**
E **haverão** **confissão**
Em toda a sorte de **estados**.

LXXV.

Ja o **Leão** **he experto**
Mui **alerto**.
Ja **acordou** **anda** **calminho**
Tirá **cedo** do **minho**.

O porco, e he mui certo,
Fugirá para o deserto,
Do Leão, e seu bramido,
Demonstra que vai ferido
Desse bom Rei Encuberto.

LXXVI.

Uma porta se abrirá
N'um dos Reinos Africanos,
Contraria aos Arrianos,
Que nunca se cerrará.
A vacca receberá
A nova gente que vem,
Com prazer de tanto bem
Seu leite derramará.

LXXVII.

A lua dará grão baixa,
Segundo o que se vê nella,
E os que tem lei com ella:
Porque se acaba a taixa.
Abrir se ha aquella caixa,
Que ategora foi cerrada,
Entregar se ha á forçada
Envolta na sua faixa.

LXXVIII.

Um grão Leão se ergerá,
E dará grandes bramidos;
Seus brados serão ouvidos,
E a todos assombrará;
Correrá, e morderá
E fará mui grandes danos,
E nos Reinos Africanos
A todos sugeitará.

LXXIX.

Passará, e dará bocado
Na terra da Promissão,

Prenderá o velho Cão,
Que anda mui desmandado.

LXXX.

De perdões, é orações
Irá fortemente armado,
Dará nelles S. Thiago,
Na volta que faz depois.

LXXXI.

Entrara com dous pendões
Entre os porcos sedeudos,
Com fortes braços, e escudos
De seus nobres infanções.

**Introduz o author poeticamente dous judeos,
que vem buscar o pastor mor
um chamado Fraim e outro Dão, e achão
Fernando ovelheiro a porta**

FRAIM

LXXXII.

Dizei, Senhor, poderemos
Com o grão Pastor fallar?
E daqui lhe prometemos
Ricas joias que trazemos
Se no las quizer tomar.

FERNANDO

Judeos que lhe haveis de dar?

JUDEOS

LXXXIII.

Dar lhe hamos grande thesouro
Muita prata, muito ouro,

Que trazemos de além mar.
Far nos heis grande merce
De nos dardes vista dette.

FERNANDO

LXXXIV.

Entraí, Judeos, se quereis,
Bem podeis fallar com elle,
Que la dentro o achareis.

LXXXV.

Tomará com seu poder,
E grão saber,
Todos os portos de alem,
Marrocos, e Tremecem,
E Féz tambem:
Fara tudo a seu querer,
Vi lo hão a cometter
Pelo deter,
Que querem ser tributarios,
E lhe querem dar dinheiros,
Lisongeiros,
Os quaes não deve querer.

LXXXVI.

E depois da Embaixada
Declarada,
Antesque cerrem quarenta,
Erger se ha a grão tormenta,
Do que intenta,
E logo será amansada,
E tomarão a estrada
De calada,
Não terão quem os affoite,
Dar lhe hão aquella noite
Tal açoite,
Que a Fe seja exalçada.

LXXXVII.

Ja o tempo desejado
He chegado,
Segundo o firmal assenta:
Ja se cerrão os quarenta,
Que se emmenta,
Por um Doutor ja passado.
O Rei novo he levantado,
Ja dá brado;
Ja assoma a sua bandeira
Contra a Grifa parideira,
La gomeira,
Que taes prados tem gostado.

LXXXVIII.

Saia, saia esse infante
Bem andante,
O seu nome he D. João,*
Tire, e leve o pendão,
E o guião
Poderoso, e triunfante,
Vir lhe hão novas n'um instante
Daquellas terras prezadas,
As quaes estão declaradas,
E affirmadas
Pelo Rei dali em diante.

LXXXIX.

Naõ acho ser deteudo
O agudo,
Sendo elle o instrumento,
Naõ acho, segundo sento
O excellento
Ser falso no seu Escudo.

* Veja se ao principio a advertencia do primeiro Editor da maneira, como este Verso se lia errado em alguns manuscriptos por incuria de alguns copistas, e equivocação das duas letras.

Mas acho, que os seus
 Mui sezaõ, e imberbe
 Que arrepellarã o gado
 E far lhe ha mario rito
 De seu fato
 Leixando a todo desanda

XIX.

Não tema o feroz, não
 Nesta sezaõ,
 Nem o seu grande Mostrando
 Que não fôo deu/batistão
 Nem o chrismo,
 He gado de confusão
 Fimal põe de clarificação
 Nesta tenção,
 Chama he estimas e donhos
 Que não tem os mandamentos
 Nem sacramentos
 Bestiaes são, sem razõs

XCI.

Em que venhão mais, e mais
 Dos bestiaes
 Pelo que mostra a figura,
 Haverão a sepultura
 Da amargura,
 Como brutos animaes.
 Que se o texto bem olhais,
 E declarais
 Com fundas serão feridos
 Todos mentes dos fundidos
 Nos abysmos infernaes

XCV.

As chagas do redemptor
 E salvador
 São as armas do nosso Rei
 Porque guarda bem a Lei
 E assim a

Do mui alto **Creador**,
Nenhum **Rei**, e **Imperador**,
Nem **grão Senehor**,
Nunca teve tal **signa**,
Como este por **leal**,
E das **gentes** **governador**.

XCIII.

As **armas**, e o **pendão**,
E o **guião**,
Forão **dadas** por **victoria**,
Da **quelle** **alto Rei da Gloria**,
Por **memoria**,
A um **Santo Rei** **bação**,
Sucedeu a **El Rei João**,
Em **possessão**,
O **Calvario** por **bandeira**,
Levato **ha** por **cimeira**,
Alimpará a **carreira**,
De **toda** a **terra** de **Cão**.

XCIV.

SONHO SEGUNDO:
XCIV.
Oh! **quem** **tivera** **poder**,
Pera **dizer**,
Os **sonhos** **que** **o** **homem** **sonha**,
Mas **hei** **medo**, **que** **me** **ponha**,
Grão **vergonha**,
De **mos** **naõ** **quã** **trarem** **crer**,
Vi **um** **grão** **Leão** **correr**,
Sem **se** **deter**,
Levar **sua** **viagem**,
Tomar **o** **porco** **setragem**,
Na **passagem**,
Sem **nada** **lho** **defender**.

XCIV.

Tirárá toda a escorta
Será paz em todo o mundo;
De quatro Reis o segundo
Haverá toda a victória.

XCVI.

Será delle tal memoria
Por ser guardada da lei
Polas armas deste Rei
Lhe darão triumpho e gloria.

XCVII.

Trinta e duas annos e meio
Haverá signaes na terra;
A Escripçãõ não errará
Que aqui faz o conto cheio.

XCVIII.

Um dos tres que vão arrepiado
Demonstra ser grão perigo;
Haverá açoite e castigo
Em gente que não temo o nomeio.

XCIX.

Ja o tempo desejado
He chegado
Segundo o firmamento
Ja se passão os quarenta
Que se emmentam
Por um Doutor ja passado
O Rei novo he accordado
Ja dá brado
Ja arressoa o seu prego
Ja Levi he de gema
Contra Sicheon desmandado
E segundo tenho ouvido
E bem salido

Agora se cumprirá
 A deshonra de Dina
 Se vingará
 Como está prometido

IVOX

O Rei novo he escolhido,
 E elegido,
 Ja alevanta a bandeira
 Contra a Grista parideira
 Que tates pasquillam coude,
 Porque haveis de notar,
 E assentar,
 Aprazendo ao Rei dos Ceos
 Trará por ambas as Leis,
 E nestes dias
 Vereis couzas de espantosa

CL

O nescio quer afirmar,
 E declarar
 Desde seis em setenta
 Que se omenta
 Do Rei que irá livrar.
 Louvemos este Rei
 Do coração,

Porque he Rei de Direitos
 Deos o fez todo perfeito
 Dotado da perfeição

CU

Este Rei tem um irmão,
 Bom Capitão,
 Não se sabe a sua idade?
 Todo he sobre em bondade,
 E na verdade
 Que sahirá com o peido

CIII.

Muitos estão desejando,
 E altercando,
 Se o meu dia será certo,
 Se de longe, se de perto,
 E sobre o tal praticando,
 A quelle grão Patriarcha
 No lo mostra, e está fallando,
 E declara o grão Monarcha:
 Ser das terras, e do mar,
 Semente del Rei Fernando.

CIV.

Este Rei de grão primor,
 Com furor,
 Passará o mar salgado,
 Em um cavallo enfreado,
 E não sellado,
 Com gente de grão valor.

CV.

Este diz, e tirará,
 Aos que estão em tristura,
 Desde, conta a Escripura,
 Que o campo despejará,
 Os Fidalgos estimados,
 E desprezados,
 Que agora são corridos,
 Com o tal serão erguidos,
 E mui quezidos,
 E com os Reis estimados.

CVI.

Se lerdes as Profecias
 De Jeremias,
 Irão dos cabos da terra
 Tomar os Valles, e Serra,
 Pondo guerra,

E tirar as herejias,
 Derrubar as Monarchias,
 E fantezias
 Serão bem apontadas,
 Serão todas derrubadas,
 Desconsoladas
 Fóra da possentadorias,
 CVII.

Ainda vos profetizando,
 E declarando
 Seus pequenos das manadas,
 Derrubar lhe hão as moradas
 Bem entradas,
 E assim o vai mostrando
 Ja o Leão vai bradando,
 E desejando
 Correr o cerco selvagem,
 E toma lo ha na passagem
 Assim o vai declarando.

CVIII.

Muitos podem responder,
 E dizer:
 Com que prova o capateiro
 Fazer isto: vendadeiro,
 Ou como isto: pode ser?
 Logo quero responder
 Sem me deter.
 Se lerdas: Profecias
 De Daniel e Jeremias
 Por Esdras o podeis ver.

SONHO TERCEIRO

CIX.

Oh! quem poderá dizer,
 Os sonhos que o homem sonhará!

Mas eu hei grão vergonha
De nos não quererem crer.

Sonhava com grão prazer
Que os mortos resuscitavão,
E todos se alevintavão,
E tornavão a renascer.

E que vistas que estão
Tras os rios escondidos;
Sonhava, que grão sahidos
Fôra daquella prizaõ.

Vi ao Tribu de Daõ
Com os dentes arraganhados,
E muitos despedaçados
Da Serpente, e do Dragaõ.

CXIII.

E tambem vi a Rubem
Com grão noa de muita gente,
O qual viaha mui contente
Cantando, Jerusalem.

CXIV.

Ohi quem vira já Bolem
E esse monte de Siao
E visse o Rio Jordão
Pera se lavar mui bem.

CXV.

Vi tambem a Simeão
Que cercava, todas as partes
Com bandeiras, e estandartes
Nephtalim, e Zabulaõ.

admo: CXVI. a. d. n. e. s. l. t.
d. v. i. n. h. a. p. o. r. c. a. p. i. t. a. o.

Gad vinha por Capitão
Desta gente que vós fallo,
Todos vinhão a cavallo
Sem haver um só pião.

of: CXVII. a. d. n. e. s. l. t.
p. r. o. c. e. d. e. n. t. e. o. b. z. e. r. a. t. o. r. e.

Eu por mais me afirmar,
E ver se estava acordado,
Vi um velho mui honrado,
Que me veio a perguntar:

so: CXVIII. a. d. n. e. s. l. t.
d. i. z. e. m. e. t. u. e. s. d. e. a. g. a. r.

Dize me, tu es de Agar,
Ou como, fallas Chananéo?
Ou es por ventura Hebréo?
Dos que nós vimos buscar?

so: CXIX. a. d. n. e. s. l. t.
t. u. d. o. o. q. u. e. m. e. p. e. r. g. u. n. t. a. s.

Tudo o que me perguntais
(Responde assim dormente)
Senhor, não sou dessa gente,
Nem conheço esses laes.

so: CXX. a. d. n. e. s. l. t.
m. a. s. s. e. g. u. n. d. o. o. s. s. i. g. n. a. e. s.

Mas segundo os signaes
Vós sois do povo cerrado,
Que dizem estar ajustado
Nessas partes Orientaes.

so: CXXI. a. d. n. e. s. l. t.
m. u. i. t. o. s. e. s. t. a. o. d. e. s. e. j. a. n. d. o.

Muitos estão desejando
Serem os povos juntados;
Outros muitos avizados
O estão arrecondado.

CXXIII

Arreceão vir no bando
Esse Gigante Golias
Mas por ver Heróclio
Dontra parte está folgando.

CXXII

Dizeime sobre Barão
Pergunto, se sois contente
Dizer me vossa semente
Se he da casa de Abrahão?

CXXIV

Quê eu sam desta geração
Sahi do Tribo de Levi,
Sacerdote como Meli
O meu nome he Araõ.

CXXV

Eu quizer a the respondem
E tocar lhe em a Lei,
Senão nisto acordei,
E tomei grande prizer.

CXXVI

E depois de acordado
Fui a ver as Escripturas
E achei muitas pinturas
E o sonho affigurado.

CXXVII

Em Esdras e vi pintado
E tambem vi Isaias
Que nos mostra muitos
Sahir o povo corado.

CXXVIII

O qual logo fui buscar
A Got, Magot, e Ezechiel;
As Domas de Daniel
Comecei a solhar,
E achei no seu cantar
Segundo o que representa;
E assim Gad, como Agar,
Que tudo se ha de acabar
Dizendo: Cerra os setenta.

Resposta do Bandarra a algumas perguntas,
que lhe fizeram, e da resposta d'ellas
se conhecem quaes foram.

CXXIX

Os tempos que já se vem
Porque, Senhor, perguntais,
Moi grande segredo tem,
Que muitos dizem Amen,
Mais se calão mais e mais;

CXXX

O mais está por cumprir,
O que a minha conta somma:
Porque de partir a vir
O texto se hade cumprir
Primeiro, Senhor, em Roma;

CXXXI

E nestes tresentos dias,
Senhor, que agora conta o
Se contém as Profecias
De Daniel e Jeronias,
Nas quaes agora entramos;

CXXXII.

E depois de ellas entrarem
Tudo será ja sabido,
Aquelles que aos seis chegarem,
Terão quanto desejarem,
E um só Deus, será conhecido.

CXXXIII.

Com vosco fallo estas couzas,
Como com um grande letrado,
As umas são perigosas,
E as outras duvidosas
Ainda não hão começado.

CXXXIV.

Antes destas cousas serem
Desta era que dizemos,
Mui grandes couzas veremos,
Quaes não virão os que viverão,
Nem vimos, nem ouviremos.

CXXXV.

Sahirá o prisioneiro
Da nova gente que vem,
Dessa Tribu de Rubem,
Filho de Jacob primeiro
Com tudo o mais que tem.

CXXXVI

O mocho está assobiando,
Dizendo e chamando bois,
E com medo de depois,
Tudo se está arreceando.

CXXXVII

Os dous bois estão berrando,
Pelo tirar da barroca.

Que não entre na sua toca
O Bufo, que esta bufando.

CXXXVIII.

Acho em as Profecias
Que a terra tremerá
E como abobada soará
Quando faz harmonias.

CXXXIX.

Dizem, que nós últimos dias,
Que aquestas couzās serão
A vinte e quatro acharão
Este dito de Isaias.

CXL.

Vejo os lobos comer
As ovelhas degoladas,
As vacas mortas montadas
E os cordeiros gemer.

CXLI.

Não deve a terra tremer
Mas fundir se sem tardança,
Pois os que têm a governança
Os não querem defender.

CXLII

Vejo o mundo em perigo,
Vejo gentes contra gentes;
Ja a terra não da sementes,
Senaõ favacas por trigo.

CXLIII.

Ja não nenhum amigo,
Nenhum tem o ventre são,

Somos ja vento sãõ
Que não tem nenhum abrigo.

CXLIV.

Vejo quarenta e um anno
Pelo correr do cometa
Pelo ferir do planeta
Que domostraser grão d'anno.

CXLV.

Vejo um grande Rei humano
Alevantar sua bandeira
Vejo como por peneira
A Grifa morrer no cano.

CXLVI.

Vejo o lobo faminto
Concertado c'os rafeiros
Os pastores, e ovelheiros
Saõ de um consentimento.

CXLVII.

Acho cá no instrumento
Que virá um contador
Tomar conta ao pastor
E pagará um por cento.

CXLVIII.

Revolvi o meu canhenho
Sobre este forte barão
Não lhe acho nenhum senão
Dizer delle muito tenho.

CXLIX.

Vejo um alto engenho
Em uma roda tryumphante,

Vejo subir um Infante
No alto de todas as montanhas

CLIX

Vejo erguer um grão Rei
Todo bem aventurado
E será tão prosperado
Que defenderá a grei

CLX

Este guardará a Lei
De todas as heregias
Derrubará as lanzeias
Dos que guardão o que não sei

CLXI

Vejo sahir um fronteiro
Do Reino, detrás da serra
Desejoso de por a guerra
Esforçado cavalleiro

CLXII

Este será o primeiro
Que porá o seu pendão
Na cabeça do Dragão
Derruba lo na por lanceiro

CLXIII

Acho, que depois virá
A's ovelhas um pastor
Mui manso, e bom guardador
Que o falo reformará

CLXIV

Este pastor lhe dará
A comer herba mui sa

E de suas ovelhas, e lã
Ao mesmo Deos vestirá.

CLVI.

Todos terão um amor,
Gentios como pagãos,
Os Judeos serão Christãos,
Sem jamais haver error.

CLVII.

Servirão um so Senhor
Jesu Christo, que nomeio,
Todos crerão, que ja veio
O Ungido Salvador.

CLVIII

Tudo quanto aqui se diz,
Olhem bem as Profecias
De Daniel, e Jeremias,
Ponderem nas de raiz.

CLIX.

Acharão, que nestes dias
Serão grandes novidades,
Novas leis, e variedades,
Mil contendas, e porfias.



En de zaak overhangt de
de noemen (de zaak)

1911

Yokohama, Japan
de zaak overhangt de
de noemen (de zaak)

1912

de zaak overhangt de
de noemen (de zaak)

1913

de zaak overhangt de
de noemen (de zaak)

1914

de zaak overhangt de
de noemen (de zaak)

SEGUNDO CORPO

TROVAS DO BANDARRA

Estas Trovas não vem no antecedente Exemplar impresso, mas consta por antiga memoria muito authentica serem do mesmo Bandarra: forão extrahidas de uma copia, que o Cardial Nuno da Cunha deu ao P. Fr. Francisco de Almeida. Provincial, que foi da Ordem dos Heremitas de Santo Agostinho, Provisor do Priorado do Crato, da Casa dos Condes de Avintes, e tio do Cardial D. Thomas de Almeida, primeiro Patriarcha de Lisboa.

I.

Levanteime muito cedo,
Puz me na minha tripeça,
E lá de lonje começa
Um bramido, que poem medo,

II.

Vão todos como fofçados,
Passão serras, e mais montes,
Secão se rios e fontes,
Tudo por nossos pecados,

III.

Furo co'a minha sovêla,
Meto seda meto fio:
Quando faz a neve, e frio,
Não há quem possa soffrê-la,

IV.

Vejo a terra dezerta,
E parades levantadas:
Vou dando quatro pancadas
Na sola, quando se aperta,

V.

Vejo a guerra na paz,
E muitos morrer no fosso:
Foge o cavallo, e o mosso
Depois que o soldado jaz.

VI.

Entre montes muito altos
Há uma casa sagrada:
Ja não quero ver mais nada,
E vou batendo os meus saltos.

VII.

Arranha me o gato? sape:
Olho outra vez da ledeira,
Deita se o cordão á geira,
Não acho poronde escape.

VIII.

Com o trinchete aparo a sola
Furando com bróca a vira:
Isto he que meu gosto aspira
Pois vejo o jogo da bola.

IX.

Estão muitos páos armados
Que lá de longe se vem;
A quem não parecer bem,
Perca o officio, e meta os gados.

X.

Com o cerol encero o linho;
Puxo com torquez o couro;
Gasta-se todo o thesouro
Pera abrir novo caminho.

XI.

Quando falho aos meus freguezes
Ficão descalços com magoa:
Não são os reaes pera a agua
Que se botarão nas rezes.

XII.

Vejo posta toda a gente;
Trabalhando sem comer;
Vejo os mortos a correr,
E os vivos jazer somente.

XIII.

Trabalha todo o saúdo,
E tambem o nobre serve;
Na certã a carne ferve
Pera Mouro, e Judeo.

XIV.

O pobre morrendo á mingua;
Outros tem a arca cheia;
Chove na praça, e na areia,
Como agua de seringa.

XV.

Vou botando o meu remendo
Em quanto o Senhor se veste,
Uma terra assas agrêste,
Estou entre serras vendo.

XVI.

Nove letras tem o nome
Duas são da mesma casta:
Olhe qualquer como o gasta
Pera não morrer de fome.

XVII.

Na era de dons, e tres
Depois e tres conta mais
Haverá couzas fataes,
Vistas em nenhuma vez.

XVIII.

Haverá tantos trabalhos,
Gritos, surras barregadas,
Porem ja sinto as pizadas
Lá perã a banda dos matthos.

XIX.

O povo suspira, e brama
Debaixo do seu chapeo;
Não se enxerga mais que o Ceo,
Quando a neve se derrama.

XX.

Vejo por entre dous cabos
O couro que vou cozendo;
Ja após outros vou vendo
Muitos mareantes brayos.

XXI.

Ja na carreira primeira
Entre a bandeira Real,
Ah! Portugal! Portugal!
Ja lá vai tua canceira.

XXII.

Dará a serpe tal Brado
Do ninho que jaz, e tem
Quando vir que outrem lhe vem
Tirar da vinha o cajado.

XXIII.

Deixa os filhos mui depressa,
E outrem lhos guarda, e cria;
Vai caminhando sem guia,
Larga a corroa da cabeça.

XXIV.

Subo me a o meu eirado,
Ja não sigto malhada,
Fica a terra socegada,
O Encuberto declarado.

XXV.

Abre-se a porta do Templo,
Entra o cordeiro fiel,
Veste da casa o burel,
Dá a todos grande exemplo.

TERCEIRO CORPO

TROVAS DO BANDARRA

Forão tambem achadas estas Trovas, que se seguem na Igreja de S. Pedro da Villa de Trancoso por occasião de se desfazer a parede da Capella mór em 6 de Agosto do anno de 1729.; erão escriptas em pergaminho em 1532 por letra do P. Gabriel João, da dita Villa de Trancoso, e vizinho do mesmo Bandarra, Domingos Furtado de Mendonça, Commissario do Santo Officio lançou logo mão dellas, mas não faltarão pessoas graves, e de qualidade, que as trasladarão e deixarão a seus filhos.

INTRODUCCÃO

I.

Em vós que haveis de ser quinto
Depois de morto o segundo,
Minhas Profecias fundo
C'o estas letras, que aquí pinto.

II.

Inda o tronco está por vir,
Ja vos vejo erguido cedro:
Pouco vai de Pedro a Pedro
Se a ramã o tronco medir.

III.

Fiz Trovas de ferro, e prata
Dignas de qualquer thesouro
Hoje quanto faço de ouro
Que em vós, Senhor, se remata.

IV.

Não conto çapatarias
Que n'outros tempos sonhei,
O que agora contarei
São mais altas Profecias.

V.

A giesta não se trosse,
Muito amarga o sargaço;
Tudo quanto agora faço
São bocados de herva doce.

VI.

Faço Trovas muito inteiras
Versos mui bem medidos,
Que hão de vir a ser cumpridos
Lá nas eras derradeiras.

VII.

Eu compoño, mas não ponho
As letrinhas no papel,
Que o devoto Gabriel
Vai riscando, quanto eu sonho.

SONHO PRIMEIRO

VIII.

Vejo, mas não sei se vejo;
O certo he, que me cheira,
Que me vem honrar á Beira
Um Grande do pé do Tejo.

IX.

Formas, cabos, e sovelas
Lavradinhas com primor
Mandareis abrir, Senhor,
Muitos folgarão de vé las.

X.

Mas aí, que já vejo vir
O Presbytero maior
Arriscar todo o primor
Que outra vez hade surgir.

SONHO SEGUNDO

XI.

Augural, gentes vindouras
Que o Rei que daqui ha de ir
Vos ha de tornar a vir
Passadas trinta lizouras.

XII.

O Pastorinho na serra
Grita que tenham cuidado
Que se vai perdendo o gado
Por mais que gritando berra.

XIII.

Desamparar o cortiço.
Uma abelha mestra vejo;
As outros com muito pejo
Não tem azas pera isso.

XIV.

Irão tempos de ladeiras
Virão tempos de farturas
Os frades haverão tristuras
Por acudirer as freiras.

XV.

Este sonho que sonhei
He verdade muito certa,
Que la da Ilha encuberta
Vos hade chegar este Rei.

SONHO TERCEIRO

XVI.

Sonhei, que estava sonhando.
Que passados cem Janeiros
Os Portuguezes primeiros
Se levantarão em bando.

XVII.

Ergue se a aguia Imperial
Com os seus filhqs ap rabo,
E com as unhas no cabo
Faz o ninho em Portugal.

XVII.

Põe um A pernas acima,
Tira lhe a risca do meio,
E por detraz lha arrima,
Saberás quem te nomeio.

XIX.

Tudo tenho na moleira
O passado, e o futuro,
E quem for homem maduro
Ha de me fe inteira.

XX.

Vejo sem abrir os olhos
Tanto ao longe como ao perto;
Virá do mundo encuberto
Quem mate da água os polhos.

SONHO QUARTO

XXI.

Lá pera as partes do Norte
Vejo como por penetra
Levantar uma poeira
Que nos ameaça a morte.

XXII.

Vosso grande capitão,
O' povo errado, e perverso,
Já caminha com o terço,
E vós dormindo no chão?

XXIII.

Na era que eu nomear
Terá fim a heregia,
Verás certa a Profecia,
Se bem souberes contar.

XXIV.

Põe tres tizouras abertas,
Diante um linhol direito,
Contarás seis vezes cinco,
E mais um, vai satisfeito.

XXV.

Muito rijo bate o vento
Na parede da Igreja;
Alguem cahida a deseja,
No levantar, xai o tento.

XXVI.

Mas ail do calçado a obra
Logo requer o salario;
Perem naõ hã muita sobra
Se naõ dobra o campanario.

SONHO QUINTO

XXVII.

Vejo, vejo, dizer vejo
Andar e terra ao rodor;
E o borborinho com dor
Revolve um, e outro sexo.

XXVIII.

Rugia a porca do sino,
O sino naõ badalava,
A grimpa se revirava,
E o sino andava a pino.

XXIX.

Meto a sovela nas viras,
E vejo pelo buraco
Os ossos de Pedro Jaco
No penedo das mentiras.

XXX.

Que bellamente que soõ
As Profecias direitas!
Depois que forem perfeitas,
Verão que a terra povoão.

XXXI.

Doutos, e sãdeos conhecem
Pelo volver das estrellas
Puras verdades mui bellas,
Que inda os Judeos naõ merecem.

